



O Pequeno Príncipe e o Príncipe Divino

- uma meditação para o Natal -

Frei Lourenço Maria Papin, OP

O Pequeno Príncipe é o título de um livro que, há tantos anos, vem encantando milhões de leitores do mundo inteiro. Seu autor é Antoine de Saint Exupéry (1900-1944), nascido em Lyon-França. Foi um corajoso piloto de avião na Segunda Guerra Mundial. Morreu numa incursão aérea no dia 31 de julho de 1944. Em sua homenagem, o aeroporto de Lyon traz agora o seu nome.

Quando lançado, o livro foi considerado por alguns pretensos intelectuais um livro para adolescentes românticas. Aos poucos foi-se descobrindo sua profunda mensagem de psicologia, de filosofia, de humanismo e de espiritualidade genuinamente evangélica. *O Pequeno Príncipe* já foi traduzido em mais de 100 idiomas. Na França, Antoine de Saint Exupéry foi considerado o “autor do século XX”.

No Brasil, *O Pequeno Príncipe* foi traduzido, com muito esmero, fidelidade e graça, pelo já falecido monge beneditino, poeta e escritor, Dom Marcos Barbosa, com as aquarelas do autor, tendo já atingido a 48ª edição. Este livro é certamente um conjunto de encantadoras parábolas.

Tudo começa na solidão do deserto do Saara, onde o aviador Saint-Exupéry, sozinho, é obrigado a uma aterrissagem de emergência. Lá, ele se encontra com um misterioso e encantador garoto, vestido de príncipe, vindo do asteroide B 612.

O garoto entende o piloto, com ele conversa e dialoga. E aquela criança vai transmitindo as mais sábias, questionadoras e interessantes lições de vida, válidas para o estadista, para o homem de negócios, para o cientista, para o guarda-chaves de trens (que tantos existem na Europa), enfim, para cada um de nós em nossas diversas fases existenciais.

Não se trata propriamente de um livro para crianças, mas que contém a mensagem da criança, da infância, da simplicidade e da candura. Entende-se isso lendo a dedicatória do livro feita pelo próprio Saint-Exupéry ao seu melhor amigo: “Peço desculpas às crianças, por dedicar este livro a uma pessoa grande... Dedico esse livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia crianças (mas poucas se lembram disso). Corrijo, portanto, a dedicatória: A Léon Werth quando ele era pequenino”.

Relembrando o *Pequeno Príncipe*, vou pensando e meditando num pequeno Príncipe de verdade (“Príncipe da Paz”, na expressão do profeta Isaias e “Príncipe Salvador” segundo os Atos dos Apóstolos) que, há mais de 2.000 anos apareceu entre nós, no deserto da história humana.

Ele veio do Alto, do coração da Trindade, anunciado por um sinal luminoso no céu. Tão frágil e pequenino, nasceu de uma mulher, Maria, humilde e simples, tão linda como as estrelas. “Estrela do mar, santa Mãe de Deus”, reza um antigo hino litúrgico.

O Menino cresceu e viveu, na humildade e na simplicidade de uma família pobre, na desprezada cidadezinha de Nazaré, no norte da antiga Palestina.

Com simplicidade, anunciou a Boa-Notícia de um Deus que é Pai e nos ama sem reservas; a Boa-Notícia do amor e da fraternidade universal, da solidariedade e da igualdade, da justiça, da paz e da liberdade.

Falava a linguagem das donas de casa, dos camponeses, da gente do povo. Contava parábolas tão bonitas, ricas de sabedoria divina. Acolhia as crianças, os marginalizados, os pobres, os doentes e os pecadores.



Admirava as aves do céu, os trigais dourados, os lírios dos campos, as montanhas, as águas e os peixes do lindo lago de Genesaré. Falava uma encantadora linguagem ecológica.

Um dos mais sublimes ensinamentos do humilde Príncipe Divino é o da simplicidade que, aliás, numa linguagem poética, emerge do livro todo, *O Pequeno Príncipe*.

Esse ensinamento está no modo de ser, agir e falar daquele que do Céu desceu na terra. Dirá Ele um dia: “Deixai as crianças virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará”! (Mc 10, 13-15) Ou então: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos (Mt 11, 25).

Simplicidade é virtude evangélica, participação da simplicidade infinita que é o próprio Deus e sinal da verdadeira santidade.

Guardadas as devidas distâncias – infinitas distâncias – seja-nos permitido dizer: obrigado, Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry; obrigado, Príncipe Divino que neste Natal nos convidam a termos um coração de criança para a construção de uma sociedade com rosto de criança, sem maldades, mais justa e solidária, em que todos se sintam irmãos, habitantes da mesma Casa que é este planeta que Deus criou.